

## O EDITOR E “OS MOINHOS DE VENTO”

Joana Coeli Ribeiro **Garcia**

Doutora em Ciência da Informação pela UFRJ/IBICT,  
Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação/UFPB.

Ser editor, no Brasil, é uma tarefa difícil, mesmo quando nos referimos a uma editora comercial. Ainda assim, não se podem desconsiderar as histórias maravilhosas vividas e contadas por vários editores, principalmente ao saírem vitoriosos da luta contra os “moinhos de vento”, que perpassam todo o ciclo da produção editorial. Há quem os chame de barreiras, fatores intervenientes, desafios, dilemas. Conforme a situação e o foco de quem os olha, adquirem dimensão maior ou menor. Denominados e contextualizados, “os moinhos” se imbricam pelo ciclo que inicia com as idéias dos autores, traduzidas em textos e submetidas às editoras, passam pelas etapas técnicas de produção, concluindo com a disponibilidade da obra ao público e à disputa do mercado.

Ser editor de periódico científico, ligado a instituições de ensino superior, é encetar uma luta contra “moinhos” infinitamente maiores. Por que, então, algumas pessoas continuam a desempenhar essa função? Porque, igual a Dom Quixote, também para eles a luta se torna um devaneio; porque ao editor compete, dentre outras atribuições, concluir o processo de produção científica, divulgar os resultados de pesquisa, fazer circular o conhecimento; porque, aliado ao autor, ele assume a responsabilidade social com o desenvolvimento da ciência; porque a publicação se torna uma espécie de prestação de contas à sociedade da utilização dos recursos recebidos. E, se nenhuma das respostas acima for suficiente, os editores são também abnegados, teimosos, renitentes e despertam, de cada sonho, com um novo sonho. Por isso editam e publicam.

À guisa de editorial, propomos uma reflexão sobre os desafios que estão na fase que ultrapassa a apresentação dos resultados para a de artigos de periódicos. Melhor dito, dos “moinhos” que estão nas relações do editor com os atores envolvidos para selecionar e aceitar os artigos e, por fim, definir a quantidade que comporá cada fascículo de que nos ocuparemos. O artigo científico é um texto decorrente de pesquisa, inédito, que atende à descoberta científica e à invenção metodológica ou conceitual. Conseqüentemente, a pesquisa fornece o insumo para a elaboração do artigo.

Para se consolidar, o periódico deve manter a periodicidade, estabelecida no momento do lançamento do título, significativa também em relação à regularidade de manutenção dos prazos. Instituições como a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), que gerencia a Base Qualis de Periódicos Científicos, e o Portal de Periódicos, e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), biblioteca que reúne periódicos científicos selecionados, estipulam a periodicidade desejada para cada uma das grandes áreas do conhecimento, associada à quantidade de artigo / ano. Para as Ciências Agrárias e Exatas, trimestral com 40 artigos / ano. Também é trimestral para as Ciências Biológicas, porém, com um mínimo de 60 artigos, enquanto para as Ciências Humanas, a periodicidade aceita é quadrimestral, com 18 artigos / ano.

É o número de artigos que possibilita ao editor publicar um periódico de qualidade, tendo em vista a possibilidade de avaliação mais criteriosa. Para se chegar a essa quantidade de artigos, é importante que os pesquisadores desenvolvam pesquisas. Para isso, dependem de financiamentos e de condições infra-estruturais em suas instituições. Pesquisa concluída, surge outro dilema: há aqueles que não querem divulgar seu trabalho, diversamente dos que não podem ou não devem. Na última condição, estão as pesquisas tecnológicas, que devem ser publicadas somente após a adoção de providências para garantir o monopólio da tecnologia. Mesmo com os cuidados tomados, seja na tecnologia, seja na ciência, pura ou aplicada, há quem não deseja publicar. E não há formas de pressão nem de admoestação a esses pesquisadores. É uma decisão individual, personalíssima que, se ocorre com pesquisadores experientes e de renome, ocorre também com recém-formados, que realizaram sua primeira pesquisa, via trabalho de conclusão de curso (TCC), e que encerram sua carreira acadêmica nesse ponto.

O rito de passagem da análise pelas bancas examinadoras ainda é vívido para se submeterem a outras avaliações. Dessa feita, dos conselhos consultivos, dos avaliadores, dos *referees* ou dos *peer reviews*. Alguns, competentíssimos, analisam primeiramente o conteúdo e só depois verificam se a forma é realmente a de um artigo científico. Outros, não tão conscienciosos, privilegiam a forma em detrimento do conteúdo que não dominam, ou dominam, mas não querem perder tempo ampliando o currículo de um seu concorrente. Algumas vezes, a demora na avaliação prejudica inclusive a atualidade do conhecimento. Se a polaridade no domínio do conhecimento é real, ela existe também na diversidade de apresentação dos pareceres. Enquanto uns

analisam de maneira construtiva, há os que desdenham e destroem um autor/pesquisador antes de ele nascer.

Regra geral, grande quantidade de artigos resulta na seleção de bons artigos. Sem buscarmos razões e justificativas subjetivas ou não, há artigos recusados, não aceitos, para os quais são solicitadas modificações e nova submissão. E o editor, como se comporta diante dessas situações? Não pode desagradar aos avaliadores, pois são seus assessores, os Sanchos Panças que o ajudam a colocar o periódico no mundo. Ao mesmo tempo, tem que ser cordato, político e ético, ao comunicar as avaliações para não afastar os autores, porque, sem eles, não há artigos, sem artigos, não há como atender às exigências das agências financiadoras e de fomento, além de descumprir a periodicidade e interromper a regularidade de publicação. Essa é a luta, a cada fascículo.

Ao vencê-la, edita o periódico. Essa vitória é o coroamento da produção intelectual, que termina com um trabalho coletivo levado a público. É o coroamento da atividade do pesquisador, que divulga seu conhecimento para que outros o absorvam e transmutem-no recomeçando o ciclo. Por isso, não há como desmerecer o trabalho realizado por esses “quixotes”, que conduzem o processo de produção científica como se a eles, e somente a eles, coubesse tal responsabilidade.

Afirmo, então, que o **BIBLIONLINE** atende às exigências das instituições fomentadoras da divulgação científica no item artigos / ano. É um periódico dedicado aos iniciantes, que têm nos Cursos de Biblioteconomia sua primeira oportunidade de pesquisa e, como tal, vinculam-se à grande área das Ciências Humanas. Os orientadores dos TCC's, depois do trabalho aprovado, continuam com a responsabilidade de estimular e incentivar a escritura do artigo.

A par da reflexão, conclamamos os atores envolvidos, principalmente os autores do BIBLIONLINE, a não se acomodarem, a permanentemente buscar a continuidade de sua educação, a se tornarem melhores, sempre. Isso se consegue das formas mais diversas: lendo e escrevendo; realizando pesquisas e publicando; comparecendo a eventos e comunicando os resultados de suas pesquisas; procurando ajuda, sempre que necessário; tornando-se um profissional ativo e atuante, em dia com as inovações, entendendo que inovação é sinônimo de mudança e que as mudanças ocorrem em ritmo acelerado em todos os sentidos, direções e níveis. Que há conceitos novos a serem aprendidos, apreendidos e colocados em prática.

Os orientadores, autores, e avaliadores, que se juntaram aos editores do **BIBLIONLINE**, travaram a batalha e, a despeito de conhecerem os fatores intervenientes das etapas da editoração, não se intimidaram e são, por isso, dignos de comemorar a vitória contra os tais “moinhos de vento”.